

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HOMENAGEM A
IRENE RAMALHO SANTOS

THE EDGE OF ONE OF MANY CIRCLES

ISABEL CALDEIRA
GRAÇA CAPINHA
JACINTA MATOS
ORGANIZAÇÃO

Trata-se de um volume de homenagem à Prof. Doutora Irene Ramalho Santos, reunindo artigos na sua maior parte de consagrados/as especialistas nas diversas áreas – estudos anglo-americanos; estudos comparados; poética; estudos feministas; estudos pessoais –, para além de uma secção com poemas de poetas de várias nacionalidades, que estiveram presentes nos Encontros Internacionais de Poetas, organizados pelos Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras da UC., e de uma secção de testemunhos em honra da homenageada.



I N V E S T I G A Ç Ã O



EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

António Barros

INFOGRAFIA DA CAPA

Carlos Costa

INFOGRAFIA

Imprensa da Universidade de Coimbra

EXECUÇÃO GRÁFICA

Simões e Linhares, Lda.

ISBN

978-989-26-1307-9

ISBN DIGITAL

978-989-26-1308-6

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1308-6>

DEPÓSITO LEGAL

425160/17

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

VOL. I

HOMENAGEM A
IRENE RAMALHO SANTOS

THE EDGE OF ONE OF MANY CIRCLES

ISABEL CALDEIRA
GRAÇA CAPINHA
JACINTA MATOS
ORGANIZAÇÃO

ORGANIZADORAS / EDITORS

Isabel Caldeira
Jacinta Matos
Graça Capinha

COMISSÃO CIENTÍFICA / SCIENTIFIC BOARD

Carlos Azevedo, Universidade do Porto, Portugal
Anselmo Borges, Universidade de Coimbra, Portugal
Maria Helena Buescu, Universidade de Lisboa, Portugal
Luísa Flora, Universidade de Lisboa, Portugal
Isabel Capelo Gil, Universidade Católica Portuguesa, Portugal
Roy Goldblatt, University of Joensuu, Finland
Rui Carvalho Homem, Universidade do Porto, Portugal
Paul Lauter, Trinity College, Hartford, Connecticut, U.S.A.
Silvina Rodrigues Lopes, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Rosa Maria Martelo, Universidade do Porto, Portugal
Paula Morão, Universidade de Lisboa, Portugal
Hilary Owen, University of Manchester, U.K.
José Carlos Seabra Pereira, Universidade de Coimbra, Portugal
Mário Jorge Torres, Universidade de Lisboa, Portugal

ÍNDICE / TABLE OF CONTENTS

Prefácio / Preface	9
--------------------------	---

Volume I

I. Poemas /Poems

Ana Luísa Amaral (Portugal)	33
Ana Paula Tavares (Angola)	39
Anna Reckin (Reino Unido)	41
António Jacinto Rebelo Pascoal (Portugal).....	43
Charles Bernstein (EUA)	45
Cristina Babino (Itália).....	47
Erín Moure (Canadá).....	49
Forrest Gander (EUA).....	51
Fred Wah (Canadá).....	52
Isabel Cristina Pires (Portugal)	54
Luís Quintais (Portugal)	57
Jesús Munárriz (Espanha)	59
João Rasteiro (Portugal).....	69
John Mateer (África do Sul/Austrália)	63
Juan Armando Rojas Joo (México)	65
Liana Sakelliou (Grécia).....	68

Márcio-André de Sousa Haz (Brasil)	70
Miro Villar (Galiza/Espanha).....	73
Nuno Júdice (Portugal)	75
Régis Bonvicino (Brasil)	77
Rita Dahl (Finlândia).....	81
Sabine Scholl (Áustria).....	83

II. Estudos Anglo-Americanos / Anglo-American Studies

1 – Teresa F. A. Alves e Teresa Cid: “Pentimento: Across Layers of Time”	87
2 – Nancy Armstrong e Lenny Tennenhouse – “How to Imagine Community without Property”	103
3 – Mário Avelar: “Facticity Versus Factitiousness: Thom Gunn’s Poems on Ander Gunn’s Untitled Photographs”.....	125
4 – Isabel Caldeira: “‘What moves at the margin’: as vozes insurretas de Toni Morrison, bell hooks e Ntozake Shange”	139
5 – Maria José Canelo: “Lessons in Transnationalism as a Framework of Knowledge in the Critiques of José Martí, Randolph Bourne, Herbert Bolton, and Waldo Frank”	151
6 – Cristina Giorcelli: “In Shape and Structure, in Warp and Weft: William Carlos Williams: ‘A Formal Design’”	183
7 – Fernando Gonçalves: “‘Por amor ao povo, por amor à terra’: a geografia do sacrifício e do desapossamento na poesia de Simon J. Ortiz”	197
8 – Heinz Ickstadt: “Painters and Poets of the Stieglitz Circle: Marsden Hartley and Hart Crane”	213
9 – Rob Kroes: “Never a Lender Nor a Borrower Be: Abundance, Debts, and Personality in American Culture”	227
10 – João de Mancelos: “The Eco-poetics of Magic: Joy Harjo’s Universal and Dreamy Places”	249
11 – Jacinta Matos: “Edward Said, V. S. Naipaul and the Condition of the Exile”	265

12 – Stephen Matterson: “An Interrupting Poem: Elizabeth Bishop’s ‘Crusoe in England’”	279
13 – George Monteiro: “The Confessions of an Ex-Con: Robert Lowell Remembers West Street, Lois Lepke, and a Skunk in Maine”	301
14 – Isabel Pedro dos Santos: “Com que rima Alice em português? Traduções portuguesas de poemas de Lewis Carroll em <i>Alice in Wonderland</i> ”	307
15 – Teresa Tavares: “‘Speaking for Thousands’: Mary Antin’s <i>The Promised Land</i> and Dominant Narratives of Identity in the Early 20 th Century”	329

III. Estudos Comparados / Comparative Studies

16 - Ziva Ben-Porat: “Place Concepts as Poetic Interruptions”	343
17 - Maria Helena Paiva Correia: “From <i>Heart of Darkness</i> to <i>Apocalypse Now</i> ”	361
18 – João Duarte: “Towards a Critique of ‘Mental Translations’”	369
19 – Maria António Hörster: “Da estirpe de Sísifo e mnemosine. Notas sobre o poema ‘O tradutor’, de Armando Silva Carvalho”	381
20 – Mary N. Layoun: “Graceful Interruptions: The Work and Person of Irene Ramalho Santos”	401
21 – Adriana Martins: “The Archive, Gender Roles and the Deconstruction of Salazarism in Alberto Seixas Santos’ <i>Brandos Costumes</i> ”	411
22 – Françoise Meltzer: “A Question of Birds: Poe and Baudelaire”	425
23 – António Sousa Ribeiro: “O cómico e a violência. A autoridade da vítima”	449
24 – Max Statkiewicz: “Interruption: Preposterous Reading of Maria Irene Ramalho de Sousa Santos”	463

IV. Poética / Poetics

- 25 – Claudia Pazos Alonso: “Post-imperial Re-Imaginings:
Race and Gender in *Próspero Morreu* by Ana Luísa Amaral” 473
- 26 – Graça Capinha: “Wor(l)ds’ Writ(In)’ Wor(l)ds:
Poetics & Politics in the Open Field” 485
- 27 – Ana Paula Dantas: “‘Fado’ and Nothing Else” 509
- 28 – Fernando Guimarães: “Caminhos para a ‘sabedoria poética’” 515
- 29 – Fernando Martinho: “Há um tempo para os versos:
José Cutileiro, poeta” 525
- 30 – Alberto Pimenta: “Uma cascata de metáforas” 545
- 31 – Manuel Portela: “*Scripts* para leituras infinitas” 557
- 32 – Silvano Santiago: “Murilo Mendes: catolicismo primitivo /
mentalidade moderna” 575
- 33 – Jorge Fernandes da Silveira: “Ana Luísa Amaral,
Senhora de vozes” 593

PREFÁCIO

Este volume de homenagem a Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, da iniciativa da atual Secção de Estudos Anglo-Americanos do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, reúne um elevado número de contributos de colegas, nacionais e internacionais, ex-estudantes, amigas e amigos. Com esta homenagem, pretendemos testemunhar, de uma forma simbólica, o reconhecimento pela sua carreira ímpar, pelo que lhe devemos enquanto docente, investigadora e mentora, e pela sua generosa amizade e dedicação. A diversidade e a profundidade dos seus interesses académicos, patentes no *Curriculum Vitae* incluído neste volume, justificam o grande apreço e admiração que sempre tem suscitado dentro e fora de fronteiras. O elevado nível intelectual do seu trabalho académico, quer na docência, quer na investigação, e o exemplo de rigor e exigência que sempre a caracterizaram, marcaram de forma indelével todos aqueles e aquelas que tiveram e têm o privilégio de aprender com ela.

Maria Irene Ramalho Santos (entre nós, Maria Irene Ramalho ou, simplesmente e com carinho, MIR) foi a primeira doutorada na área da Americanística na universidade portuguesa. Foi, e ainda continua a ser, mentora na formação e responsável pela graduação de praticamente todos os/as americanistas portugueses. Quando regressou dos EUA após o seu doutoramento na Universidade de Yale, em 1973, Maria Irene introduziu a diferença em relação à prática pedagógica

tradicional da então área de Filologia Germânica na conservadora Universidade de Coimbra. Os seus alunos e alunas de Literatura Inglesa e de Literatura Norte-Americana recordam especialmente o estímulo à abordagem crítica dos textos (e da vida) e o espaço alargado e respeitado da sua autonomia de pensamento e criatividade, tudo isto num contexto de proximidade afável e interessada entre professora, alunas e alunos. Ao mesmo tempo, e especialmente no ensino da Literatura Norte-Americana, a atualidade dos conteúdos programáticos e a inovadora metodologia distinguiram, desde logo, a sua prática pedagógica. Os seus seminários de Literatura Americana, nos dois últimos anos curriculares, eram espaços de uma dinâmica de aprendizagem inovadora onde os jovens enriqueciam a sua formação científica, mas, sobretudo, faziam aprendizagens múltiplas como cidadãos e cidadãos e como seres humanos críticos e questionadores num tempo particularmente complexo e transformador como foi o dos anos pós-Revolução de Abril.

Desde o seu regresso a Portugal há também a assinalar um trabalho continuado e absorvente para erigir uma secção (que veio a ser primeiro o Grupo de Estudos Anglo-Americanos ou GEAA), imprimindo-lhe uma orientação profundamente democrática, e uma grande exigência científica. Uma frase do seu texto “American Studies as Traveling Culture”, de 1999, resume muito bem este seu papel:

[A]s a teacher and mentor, I have always conceived of my job as that of a kind of travel agent, not so much telling students what they should or should not study but teaching them as much as possible about the variety of the field, helping them to get to where they think they want to go themselves, and putting them in touch with the relevant specialists (354-55).

O contacto, mesmo o informal, com jovens assistentes em formação era também de contínua aprendizagem e inspiração, partilha

generosa de um saber constantemente atualizado, com que a Maria Irene sempre sabia acompanhar de perto as transformações de um campo de estudos, por ela própria definido como “plural” e “never fixed”, “nonhomogeneous”, “a multiplex diversity of local and global knowledges in different languages and forms” (*idem*: 343). Por isso a Americanista falou de si própria como “wanderer”, aquela que nas suas viagens pelo interior da literatura americana e dos estudos americanos apenas almejava “temporary recordings of *passages*” (*ibidem*). E o incentivo foi sempre persistente e firme, decerto com a esperança de imprimir nos mais jovens a sua paixão em fazer da vida académica “a series of travel encounters or practices of crossing and interaction constantly troubling the localisms of common assumptions about culture” (*idem*: 358).

Esta sua preocupação com a formação científica de alunos/as e colaboradores/as inscreve-se num profundo sentido de Universidade, que já a fazia pugnar no princípio dos anos 80 contra “a transformação das universidades, em particular das Faculdades de Letras, em instituições cada vez mais pressionadas pelas exigências de um ensino ‘profissionalizante’” (cf. 1983-84). A História veio dar-lhe razão...

A vida académica de Maria Irene Ramalho Santos tem-se revestido sempre de um vincado desejo de internacionalização que justificou a sua presença regular nos congressos da American Studies Association (ASA), a participação em mesas redondas sobre o ensino dos estudos americanos no estrangeiro e especificamente em Portugal, o seu contributo para a fundação da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos (APEAA), os postos que com toda a dignidade assumiu na Associação Europeia de Estudos Americanos (EAAS), ou a colaboração anual com a Universidade de Wisconsin-Madison, onde tem sido Professora Visitante desde 1999. Em 2008, a American Studies Association conferiu-lhe o Mary C. Turpie Award, consagrando assim e com toda a justiça o seu valioso contributo para a americanística internacional.

A ela devemos também a criação de uma rede de contactos internacionais que ainda hoje beneficiam a Secção de Estudos Anglo-Americanos. Uma das vias foi o intercâmbio Fulbright, que soube fomentar e aproveitar de forma inteligente, nunca abdicando de um critério de exigência a ditar a escolha de professores/as e investigadores/as visitantes. Como professores Fulbright por aqui passaram Nancy Armstrong, Doris Friedenson, Angela Gilliam, Bernard Bell, Thomas Grant, Jonathan Auerbach, só para mencionar alguns nomes.

Essa grande exigência, rigor e independência pautaram sempre as suas escolhas e justificam o prestígio que granjeia entre os seus pares, quer no plano nacional, quer no internacional. São disso excelente testemunho os laços criados com nomes tão prestigiados como Sacvan Bercovitch, que vem a convidá-la para colaborar na sua *Cambridge History of American Literature*; Harold Bloom, o seu antigo professor em Yale, que por sua mão recebeu um *Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra em 2001; Nancy Armstrong, com quem tem mantido uma longa amizade e colaboração académica (estendida à Secção e ao Centro de Estudos Sociais/CES), e que colaborou, a seu convite, nos painéis de avaliação da FCT; Doris Friedenson, também uma amiga para a vida, com quem tem partilhado tantas intervenções na ASA, além de publicações; ou Allen Trachtenberg, Richard Ellman, Werner Sollors, James McIntosh, Emory Elliott, Susan Friedman, Paul Lauter, Mary Layoun, Amy Kaplan, Jean Pfaelzer, Michael Denning, Alice Kessler-Harris, George Monteiro, Helder Macedo, Robert Kroes, Heinz Ickstadt e Steve Matterson, entre muitos outros e outras.

Em 1991, organiza o Congresso Internacional sobre “O cânone nos Estudos Anglo-Americanos”, exemplo claro da sua preocupação com a chamada “crise das humanidades” e da sua continuada interpelação dos objetos de estudo no plano entretecido de saberes e poderes: afinal, como MIR afirma, “Quanto mais estreita, mais fácil de controlar é a área de saber, mas ainda que as leis, ou os cânones,

sejam necessidades, tanto da investigação científica como da própria vida, a sua própria definição enquanto tal exige inúmeras formas de interrogação e transgressão” (1994: 13).

Pelo caminho tem ficado a sua constante interrogação pela ordem das coisas, pela natureza do saber, pelos consensos. Uma interrogação que se estendeu sempre ao seu objeto de estudo, os Estados Unidos da América e que ela quis formular de novo ao escolher o tema para o Colóquio realizado em Coimbra em 2009, reunindo estudiosos deste e do outro lado do Atlântico – “America Where? Transatlantic Scholarship in Search of the United States of America in the Twenty-first Century”, que deu origem à publicação *America Where? 21st Century Transatlantic Views* (Peter Lang, 2012).

A diversidade de interesses de investigação que MIR sempre respeitou e até encorajou no GEAA levou-a, a pouco e pouco, a chamar para junto de si no CES, que ajudou a fundar em fins da década de 70, vários elementos que foram integrando o elenco de investigadores deste centro. É no âmbito do CES que a sua “viagem” se entranha mais pelos caminhos da comparatística, que já ensaiava há muito na sua colaboração na *World Literature Today*, tendo a oportunidade, e aproveitando-a, de incentivar outros companheiros e companheiras de jornada que integra no Núcleo de Estudos Culturais Comparados, que passou a coordenar. Maria Irene nunca quis, no entanto, esquecer a sua “localização específica na cultura portuguesa” pois, segundo ela, “sem um entendimento seguro da sua própria cultura, povos alguns serão jamais capazes de entender a alteridade de uma cultura outra; inversamente, quanto mais os diferentes povos souberem, e *quiserem saber*, acerca de outras sociedades e de outras culturas, tanto mais bem preparados estarão eles para entender a sua própria cultura” (1994: 13). Prossegue, pois – mas recusando muito conscientemente “scholarly nativism” (cf. “American Studies as Traveling Culture” 341) –, um longo e antigo projeto que a liga à literatura portuguesa e faz da sua americanística

também uma viagem de reconhecimento pela sua própria cultura. Este interesse comparatista é claramente testemunhado pela sua presença na Associação Internacional de Literatura Comparada, na Associação Portuguesa de Literatura Comparada, ou na Associação Brasileira de Literatura Comparada, assim como a sua colaboração com vários Departamentos de Literatura Comparada, principalmente o de Wisconsin-Madison.

Constatando que a poesia e a poética não são de modo algum uma prioridade na investigação académica, quer nos E.U.A., quer no espaço europeu, a “agente de viagens”, como ironicamente MIR se autodefiniu, levou muito a sério a sua insistência na inclusão da poesia nos trajetos porventura menos populares do mapa da americanística internacional. O livro que publicou em 2003, *Atlantic Poets: Fernando Pessoa's Turn in Anglo-American Modernism* (University Press of New England)¹ é não só o ponto alto de um longo e significativo estudo do poeta português, que já tinha dado origem a várias das suas publicações, mas também da reflexão comparativa com outras vozes poéticas da cultura americana, à qual tem dedicado toda a sua carreira.

Seria impossível esgotar aqui, numa descrição minimamente inclusiva, o trabalho imenso desenvolvido por Maria Irene Ramalho no campo da poesia. De facto, desde o seu ensino e o seu encorajamento de tantos alunos e tantas alunas à leitura e ao aprofundamento da análise crítica; desde as inúmeras apresentações públicas de obras de poetas já reconhecidos às apresentações públicas de obras de carácter mais inovador no panorama da literatura contemporânea; desde a divulgação da poesia portuguesa contemporânea, e não só, através da docência em universidades estrangeiras, às também inúmeras palestras e publicações por esse mundo fora; desde a

¹ Traduzido no Brasil (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008) e em Portugal (Porto: Afrontamento, 2009).

participação e a coordenação de projetos de investigação, coletivos e interdisciplinares, em que a poesia ocupou lugar cimeiro, à orientação de tantas teses de mestrado e de doutoramento, que sobre esse modo de escrita se debruçaram – enfim, com toda esta carreira de grande mérito e de prestígio reconhecidos um pouco por todos os cantos poéticos do mundo, como poderíamos nós almejar a dar aqui conta de todo esse trabalho? E, de facto, nem de trabalho poderemos apenas falar. Porque se tratou, e trata, de um ofício – o ofício que é também o de todos e de todas as poetas.

Não podemos deixar de falar do modo como esse ofício se definiu também como parte de uma dimensão que, ao ser poética, se fez também política: a sua preocupação em intervir, através da poesia, no espaço público – para “interromper” a ortodoxia dominante e abrir a outras visões possíveis. Em 1990, num almoço (sim, que quem a conhece sabe como a Maria Irene aprecia esse modo prazenteiro de estar no mundo, com e para as pessoas), lançou a ideia de criar “uns encontros de poetas” para trazer a poesia viva para dentro da universidade. Em 1992, celebrando Walt Whitman, acontece o 1º Encontro Internacional de Poetas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – e outras sete edições se seguiram, de três em três anos, sempre a espalhar a poesia por diferentes espaços da cidade. Muitos poetas portugueses presentes nesse primeiro Encontro nunca tinham feito uma leitura pública – e também esse trabalho e o apoio desta professora da velha Universidade de Coimbra em muito contribuiu para o panorama literário atual no nosso país, já com tantos e tão importantes eventos desta natureza a acontecerem um pouco por todo o lado.

Mais de trezentos poetas e mais de quarenta línguas se fizeram ouvir em Coimbra, durante os cerca de vinte anos em que estes eventos tiveram lugar, e inúmeros contactos e colaborações entre poetas de todo o mundo tiveram aqui início. Muitos nos procuraram, ouvindo falar dos “Encontros de Coimbra” em outras

reuniões poéticas, em lugares tão distantes como Singapura, ou tão centrais como Nova Iorque – e Coimbra está hoje no mapa da poesia contemporânea mundial. Também isso há que agradecer a Maria Irene Ramalho – e muitos e muitas poetas o têm feito, em muitos lugares e em muitas línguas. Da sua memória ficaram sete antologias de *Poesia do Mundo*, coligindo muitos poemas originais e as respetivas traduções, trabalho de uma equipa coordenada pela Maria Irene.

Reclamando persistentemente o lugar da sua “inutilidade radical”, Maria Irene sempre nos transmitiu que “a poesia nos ensina na realidade a nada fixar, a perguntar por tudo, a constantemente olhar de novo” (“A ciência e as humanidades” 133). Quanto a nós, as suas discípulas e os seus discípulos, só nos resta dizer que foi com a Maria Irene que aprendemos que a poesia é esse ato de presença que nunca esgota o sentido e que, por isso mesmo, nos encoraja a não desistir de participar.

Maria Irene nunca desperdiçou, efetivamente, a oportunidade de ensinar literatura a um nível mais avançado, instigando o gosto pela pesquisa e, fundamentalmente, pela aprendizagem, em verdadeiro regime de seminário. A essa luz é que podemos compreender a sua teimosia em desconstruir a chamada “avaliação contínua”, chamando-lhe “aprendizagem contínua” ou a sua ação de orientação, apelidando-a com ironia de “desorientação”. Logo que foi possível, e com os escassos recursos existentes, cria em 1982 o 1.º Curso de Mestrado em Estudos Anglo-Americanos; em 1999, o 1.º Curso de Mestrado em Estudos Americanos; e, em 2008, coordena o 1.º programa de Estudos Americanos em Portugal (Mestrado e Doutoramento).

Nessa mesma altura são criados o Mestrado em Estudos Feministas (2007) e o 1.º Doutoramento em Estudos Feministas em Portugal (2008), que Maria Irene coordena, e que finalmente realizam um sonho antigo, o de colocar esta área de estudo em

Coimbra. Há muito atenta às questões feministas, quer nas suas aulas, quer nas suas publicações, Maria Irene já tinha criado um Núcleo de Estudos Feministas no CES, participado, de 1998 a 2000, como *Co-Chair* na *Task Force for International Women in American Studies* (ASA); como *Chair* no *Program Committee for the Third European Feminist Research Conference*, em 1996 e 1997; e como membro do *Scientific Committee for Women's Studies* no Projeto Europeu SIGMA, de 1994 a 1996.

Em toda a sua carreira e a sua vida, afinal uma mesma atitude: interrogativa, questionadora, crítica, de política “interrupção”, preocupada sempre em

suscitar um debate mais amplo para a redefinição e reavaliação das humanidades, enquanto a faculdade por excelência de formular perguntas. . . perguntas que terão necessariamente de ser sempre acerca das estruturas sociais, económicas e políticas que regem também as nossas vidas intelectuais. Perguntas, pois, não só acerca das realizações científicas dos estudos humanísticos, mas também acerca da sua responsabilidade educativa e do seu empenhamento social (1994: 29).

Na organização deste volume, foi nossa intenção fazer jus às variadíssimas áreas de interesse e especialização da homenageada, cuja investigação e produção científica refletem inequivocamente a sua permanente abertura a novas perspetivas, para além de se constituírem quase como uma história dos desenvolvimentos teórico-críticos das últimas quatro décadas. Com efeito, e como referimos atrás, partindo do seu campo inicial de formação nos Estudos Anglo-Americanos, o pioneirismo de Maria Irene Ramalho Santos colocou-a na primeira linha da investigação em Estudos Americanos, Estudos Comparados, a que se foram juntando, sem costuras visíveis, a Poética, os Estudos Feministas e os Estudos Pessoaanos.

As diferentes secções deste volume, dedicadas a cada uma dessas áreas, permitiram, assim, recolher contributos dos/as respetivos/as especialistas, alunos/as e colegas que com ela foram ao longo dos tempos dialogando, aprendendo e refletindo. E, se a divisão se impunha como princípio organizativo do volume, o cruzamento de saberes que Maria Irene Ramalho Santos sempre praticou está ainda presente em muitos dos artigos que nela beberam inspiração e a ela devem um alargar de horizontes e um atravessar de fronteiras disciplinares.

Para além das cinco secções que integram os artigos de natureza científica, não pudemos deixar de contemplar os Testemunhos de quem com Maria Irene privou, seja na qualidade de colega, amiga ou docente. Não menos importante, nesta homenagem, é a pessoa em si; e no caso presente, mais do que em muitos outros, as qualidades humanas e as profissionais são inseparáveis. Os Testemunhos bem dão conta de como o perfil da mulher, da investigadora, da mestre, da amiga e da colega se fundem num todo harmonioso – e irresistível.

Finalmente – “last but not least” – os poemas, a homenagem de Poetas a quem a Maria Irene deu voz, oferecendo-lhes um fórum onde se fizeram ouvir, em muitos casos pela primeira vez, perante um público alargado e presencial. O seu contributo era incontornável e o presente volume impensável sem o reconhecimento da centralidade da poesia – na sua dupla dimensão de objeto de estudo e de expressão artística – no pensar da homenageada.

Não podemos deixar de agradecer ao Diretor da FLUC, que se prontificou a financiar a edição impressa, e à IUC por ter tão prontamente acolhido este projecto.

Por último, os nossos agradecimentos a todos aqueles e aquelas que acederam a colaborar connosco, cujo entusiasmo, empenhamento e disponibilidade são bem a medida da figura que nos serviu de inspiração na organização deste volume, com que pretendemos

prestar homenagem a alguém que é e será sempre, para aqueles e aquelas que a admiram, e ecoando um dos seus poetas eleitos, *'the edge of one of many circles'*.

E bem-hajas, Maria Irene!

Coimbra, 28 de junho de 2016

Isabel Caldeira

Graça Capinha

Jacinta Matos

Obras citadas

Ramalho Santos, Maria Irene, de colab. "A 'vocação' das Faculdades de Letras e a 'formação psicopedagógica' de professores". *Biblos* 59 (1983).

—, "Introduction: The Canon in Anglo-American Studies / Introdução: O cânone nos Estudos Anglo-Americanos". Org. Isabel Caldeira. *O cânone nos Estudos Anglo-Americanos*. Coimbra: Minerva, 1994. 10-28 / 11-29.

—, "A ciência e as humanidades; as ciências e a humanidade; a teoria crítica e a poesia". *Revista Crítica de Ciências Sociais* 54 (Junho 1999): 129-36.

—, "American Studies as Traveling Culture: An Extravagant Nonnative's Wanderings in Global Scholarship". Ed. Rob Kroes. *Predecessors: Intellectual Lineages in American Studies*. Amsterdam: Free University Press, 1999. 340-58.